

Chase não teme moratória

Porto Alegre — O novo plano econômico tem condições de dar certo desde que o governo execute a sua parte, pois foi isto que falhou nos outros programas de estabilização. A análise foi feita ontem, em Porto Alegre, pelo presidente do Chase Manhattan no Brasil, Peter John Anderson, ao considerar que o governo elaborou o Plano Brasil Novo também já pensando na renegociação da dívida externa. “Antes de colocar na mesa uma proposta concreta de renegociação, o governo quer mostrar que tem um plano de ajuste interno e que pode executá-lo. Foi perfeitamente lógico o que fizeram”, afirmou Anderson.

Segundo ele, o que as instituições financeiras internacionais buscavam no País era um ordenamento de sua economia doméstica. “Todo plano de ajuste internacional tem que começar com um ajuste interno”, observou ele. Acrescentou que, no passado, a renegociação da dívida externa enfrentou dificuldades porque o Brasil prometia cumprir um programa, não conseguia e sua capacidade de pagamento piorava ano a ano. “Ago-

ra, há um plano que atende o problema interno e a expectativa e esperança no Chase é de que o programa dê certo”.

Anderson disse que o Chase — um dos credores do Brasil — não teme medidas como a moratória e acredita que haverá adequação do fluxo interno de caixa ao pagamento da dívida. Embora confiante quanto aos resultados do plano econômico, o presidente do Chase não está muito satisfeito com a obrigatoriedade de aquisição dos certificados de privatização: “O impacto inicial será negativo”, considerou, “porque o governo controlará quantas empresas serão leiloadas e quantos certificados estarão à disposição”.

Peter John Anderson também entende que, em consequência do aperto de liquidez, nesta primeira fase não deverão ocorrer novos leilões para conversão da dívida em investimento. O Chase já fez conversões equivalentes a cerca de US\$ 100 milhões, correspondentes a 5% de seus créditos no Brasil, para investimento na sua área financeira.